



LOCKE: AS PALAVRAS SÃO SINAIS SENSÍVEIS PARA AS IDEIAS

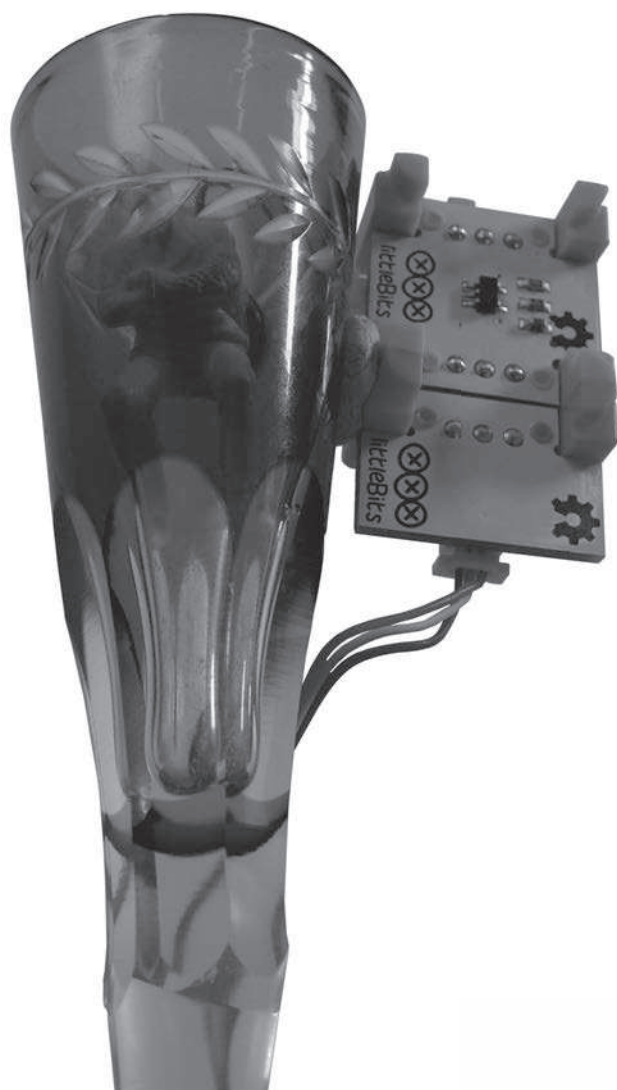
MILANI, Sebastião Elias¹

Introdução

A perspectiva epistemológica neste artigo é o da Historiografia Linguística, deve-se então considerar toda a conceituação metalinguística dessa corrente de estudos e visualizar o interesse mais proeminente aqui que é o princípio da continuidade conceitual e da ruptura metodológica, nos estudos sobre a linguagem. Parte-se de concepções desenvolvidas anteriormente, em outros artigos, que a ruptura sempre é de caráter metodológico e individual e a continuidade sempre é de caráter conceitual e social. De fato, há a correspondência complementar entre método, individualidade e discurso ou fala e, de outro lado, conceitos, socialização e língua. Há também uma outra correspondência em complementação que ocorre entre conhecimento, língua e sociedade e entre criatividade, discurso e individualidade. Então, promove-se uma leitura do *Ensaio acerca do entendimento* de John Locke como um monumento sincrônico que tenha dado continuidade conceitual a seus antecessores e promoveu uma criação metodológica que, diacronicamente, tenha sido fonte para os estudiosos dos séculos que o sucederam.

Toda discussão em torno do processo de construção da linguagem em qualquer tempo tem como conceituação básica que o pensamento precisa de uma materialidade para se fazer conhecer, e que essa materialidade vem de

¹ Professor da Faculdade de Letras da UFG.



uma capacidade inata denominada linguagem, que para se materializar depende de uma estrutura cuja a forma mais básica é o som articulado. Todo esse processo nasceu pelo esforço dos seres humanos em se fazerem compreender e dar aos outros conhecimento dos seus valores internos e suas paixões. De posse da estrutura, o ser humano passa a sentir através dela, construindo o mundo a sua volta completamente através dela. Passa a dominar e ser dominado, procura fazer crer em si em tudo o que está defendendo por meio dessa estrutura linguística, num jogo cujo o objetivo é persuadir. O outro, seu parceiro previsto e indispensável, medido e calculado, joga com ele e se coloca persuadido ou não, enfim, julga o procedimento do falante e lhe atribui as qualidades que acredita ser merecedor.

O indivíduo que fala mede seu interlocutor para fazer suas as palavras que seriam do outro, desse modo ambos pensarão do mesmo modo e as ideias criadas serão comuns aos dois, sendo assim ambos atribuirão aos mesmos sons articulados às mesmas ideias. Tal processo de ajuste dos sons articulados com as ideias viria desde os tempos dos seres humanos primitivos sendo lapidado e aperfeiçoado chegando no estágio da língua articulada em sinais que representam ideias. É comum aos pensadores, desde a Grécia antiga até a modernidade, que os seres humanos primitivos tiveram que testar outras formas de comunicação, a mais comumente apontada como anterior a todas é a pantomima, e que os sons articulados foram evoluindo e substituindo qualquer outra forma, porque eram abundantes, não se perdiam com a falta de luz e alcançavam grandes distâncias.

O pensamento funciona por meio de ideias, esse é o seu objeto de constituição, caberia dizer que o processo de articulação prevê antes de qualquer materialidade a existência da ideia, também chamada de significado, e que de fato é o conhecimento sobre aquele tema. Todo esse processo

começa com as sensações que o indivíduo retira das coisas, que os sentidos transformam em experiências, que viram conhecimento quando postas na memória. Tendo conhecimento, o pensamento faz a ideia virar sons articulados, que são representativos dessas ideias e são juntados para formar nomes. Todos os nomes têm origem em sensações e derivaram então de ideias sensíveis, são nomes para ideias gerais, que ao entrar no jogo de persuasão sofrem particularizações e passam a representar as ideias na mente de quem usa aqueles nomes, tanto do falante quanto do ouvinte.

A palavra como manifestação da ideia no estudo da linguagem verbal.

Segundo Aristóteles, na *Arte Retórica*, capítulo II, “é pelo discurso que persuadimos, sempre que demonstramos a verdade ou o que parece ser a verdade, de acordo com o que, sobre cada assunto, é possível de persuadir”. Está claro nessa citação que o discurso é para persuadir e que a verdade de alguém é o que ele faz parecer verdade, logo a verdade é do discurso. No mesmo capítulo, Aristóteles mostra quais são as provas que o discurso pode fornecer, uma é o caráter do orador, outra é a disposição em participar que o ouvinte atribui ao discurso e ao tema, a terceira é o próprio texto do discurso, o que ele demonstra ou parece demonstrar. Então, a persuasão é uma ocorrência do caráter moral dessas três provas, o quanto confiáveis essas três partes do discurso são: o orador, o ouvinte e o discurso. Se o orador é uma pessoa de bem, reconhecida como sendo confiável, empresta sua imagem às questões nas quais não se pode garantir sucesso, ou que o ouvinte não pode compreender de fato como elas são.

No capítulo XVIII desse mesmo livro, Aristóteles, num texto evidentemente dirigido à advogados, demonstra que o ouvinte é sempre o juiz do que se fala, por isso deve-se marcar o discurso com efeitos de verdade para que se possa ser confiável, para isso cabe ao orador levantar as questões de tradição dos costumes, isso nem sempre está relativo à verdade, mas à necessidade que se tem de fazer crer no discurso, quando em debate, ou dando conselho, ou deliberando sobre um tema. No julgamento, recolhem-se as provas para que elas junto com os testemunhos sejam persuasões do discurso. No ato de discursar, segundo Aristóteles, deve-se fazer estruturadamente, diz-se aqui isso por relatar a proposta de organização do discurso em duas partes: indicação do assunto e a

demonstração. Aristóteles aponta essas operações como exposição e prova ou questão e demonstração. O que fica demonstrado claramente nessa proposta é que o orador deve estar consciente do que fala e ser capaz de convencer sobre o que fala e, acima de tudo, de sua competência sobre esse tema, começando por organizá-lo coerentemente. Nas palavras de John Locke, as palavras são signos das ideias nas mentes dos homens, para Wilhelm von Humboldt elas são aquilo que o homem que as produz é.

Na *Arte Poética*, capítulo XIX, Aristóteles afirma “tudo quanto se exprime pela linguagem é do domínio do pensamento”, disso faria parte todas as partes do discurso, demonstração, refutação, provas, o modo como o orador dá forma as suas paixões. Segundo Aristóteles, não haveria prazer para aqueles que tem a linguagem a sua disposição sem a intervenção do discurso. Logo, somente pelo discurso se pode atingir o pleno gozo do convencimento, e, às vezes, necessita-se de uma preparação, como quando se precisa de um cenário e de uma encenação, outras do uso de palavras exatas, como nos discursos científicos. Aristóteles tinha certeza da relação pensamento e linguagem, da íntima imbricação entre ambos, e demonstra conhecer que a manifestação em discurso da linguagem é de fato a manifestação do pensamento, na sequência da *Arte poética*, demonstrou que a linguagem é feita de letras, sílabas, conjunção, nome, verbo, artigo, flexão e expressão. Logo, o pensamento é expresso na manifestação por meio dos recursos comuns a todas as línguas, processos de materialização em sons e estrutura.

No *Ensaio acerca do entendimento*, John Locke localiza o homem entre os seres sensíveis, e o coloca acima dos outros por causa da faculdade do entendimento. O entendimento é como os outros sentidos, não permite observar a si mesmo, requer o esforço de situá-lo à distância e estudá-lo como a um objeto. Importante ressaltar que a relação ser sensível e ser estético, sendo o último constituído pelo esforço do aperfeiçoamento do pensamento, teve seu início nos textos de Platão. Em Platão era a diferenciação entre um plano material e um plano ideal, já em Aristóteles o plano ideal não existe mais, o que existe é uma proposição de valores que se coloca como perfeita pelo uso das faculdades intelectivas do ser humano. Em Locke, a diferença entre os seres humanos e os outros seres sensíveis é justamente o entendimento, que seria fruto da faculdade discernente do ser humano, que, com certeza, pode ser nomeada de inteligência.

A melhor avaliação entre os seres sensíveis apareceria na Era-Romântica a partir da concepção da racionalidade. De fato a racionalidade seria fruto desse esforço que os séculos da Era-das-luzes teria feito em demonstrar o poder do ser humano em fazer e

desfazer tudo o que existia, em provar que no mundo tudo estava relativizado ao homem, tal e qual havia avaliado Protágoras. Na Era-Romântica os seres sensíveis estariam divididos entre sensíveis e estéticos, sendo esse último produzido pela educação formal, como afirmou Humboldt (1835) “o único modo de transformar um ser sensível em estético é pela educação”. Em Locke, como em todos os Iluministas, o discurso em prol da racionalidade em detrimento do empirismo transcende o próprio interesse em falar de ciência, mas busca justificar uma revolta contra a ignorância e o exercício de manter o povo na ignorância. A dúvida de Locke é a mesma de qualquer ser pensante, até onde ou até que limite vai sua capacidade de entendimento, em Locke a dúvida é ainda maior porque ele deseja saber até que limite iria o entendimento da mente humana, assim ele escreveu (p.141, § 6) “quando conhecermos nossa própria força, saberemos melhor o que intentar com esperanças de êxito” (§ 7) “o motivo desse ensaio seria o de investigar nossos próprios entendimentos, examinar nossos próprios poderes e ver para que coisas eles estão adaptados”.

Os iluministas combatiam os princípios da Igreja, dogmas referentes à intervenção divina na existência humana, conhecidamente muitos desses dogmas atingiam o esforço de compreender o que fosse o próprio conhecimento e o pensamento. Obviamente a Igreja, baseada em alegorias bíblicas, do princípio de que Deus é uno e verdadeiro e inato em todos os espíritos humanos, dominava e oprimia o pensamento racional que visava estabelecer os limites para ação de ser humano. Assim, John Locke nomearia o capítulo I do Livro I do “Ensaio acerca do entendimento”: “Não há princípios inatos na mente”. O que Locke disse querer mostrar com seu discurso é que o ser humano, sem a ajuda de qualquer princípio inato, poderia adquirir todo conhecimento que possui, poderia alcançar a certeza das coisas sem qualquer princípio original, está negando tanto o inatismo platônico de *Menon* e *A República*, quanto o de René Descartes.

Supondo que houvessem princípios inatos, nenhum homem morreria na completa ignorância daquilo que fosse resultante desses princípios. Então, considerando o que disse Locke (Cap. I, § 5, p. 146), que nunca negou que a mente humana fosse capaz de apreender muitas coisas e muito diferentes entre si, a capacidade seria inata, mas o conhecimento seria adquirido, essa seria sem dúvida uma leitura do Teeteto de Platão, sem dúvida nenhuma a mais plausível de todas. Há nessas páginas um veemente combate entre racionalidade e dedução,

certamente trata-se de uma situação ainda não resolvida em Locke, já que ele é indubitavelmente empiricista, sua visão é sempre a da dedução pela observação, mas ele já tem uma noção clara do que seja a racionalidade, como ele disse, (Cap. I, § 9, p. 147) “a faculdade de deduzir verdades desconhecidas de princípios ou proposições já conhecidas”. Cem anos mais tarde a razão seria uma proposta clara para executar um aprendizado, ser racional seria simplesmente usar um conhecimento adquirido para adquirir outros, como não se nasce com princípios inatos, precisa-se da ajuda dos mais experientes para se adquirir os princípios primeiros, isso em todos os instantes do desenvolvimento do pensamento e da aquisição de conhecimento.

A mente, na condição de adquirir conhecimento, precisa ser treinada para isso. Como ela sempre parte da ausência de qualquer informação, os sentidos, segundo Locke, inicialmente tratam com ideias particulares, fazendo com que a mente se familiarize com algumas delas, sempre fórmulas produtivas localizadas na memória por meio de nomes. Então, essas ideias particulares são de fato concretizações de sensações, são sempre inicialmente concretas, somente pelo exercício contínuo de aprendizado é que a mente alcança a abstração delas. Esse processo acontece sempre pelo aprendizado de nomes gerais que gradualmente se abstraem em outros nomes gerais, esse é o processo que a mente utiliza para se (Cap. I, § 15, p. 148) “enriquecer de ideias e linguagem, materiais com que exercita sua faculdade discursiva”. Assim sendo, as ideias são processos de amadurecimento de uma linguagem, porque é a partir da matéria linguagem que o pensamento produz conhecimento, então conhecimento e linguagem são uma só unidade, de fato, conhecimento é língua, o elemento social da faculdade de linguagem.

Tal e qual propõe Locke, é preciso falar da capacidade de linguagem na visão saussuriana. Saussure, no Curso de Linguística Geral, deixou clara a ideia também presente em Locke, provavelmente a fonte de Saussure, de que a linguagem é uma capacidade inata do ser humano. Então, quando Locke diz que o ser humano se enriquece de ideias e linguagem, de fato ele está afirmando que é de língua que o indivíduo se enriquece, já que também afirma que a capacidade é inata, mas o conhecimento não o é e está atrelado à aquisição de nomes, (Cap. I, § 5) “afirmo que a capacidade é inata, mas o conhecimento adquirido”. Deduz-se que o que é inato em todo o ser humano é aquilo que é físico corporal, supostamente a

linguagem é um órgão do corpo humano, de fato não se tem nenhuma dúvida, nunca se teve, de que ela seja uma parte do cérebro humano, aquela que faz os seres humanos estéticos além de sensíveis. Deduz-se também facilmente que sendo o conhecimento adquirido por meio de nomes, ou seja, língua, ambos são externos ao corpo, são programações que a mente dos indivíduos recebe no grupo em que vive, ou seja, conhecimento e língua são estruturas sociais adquiridas no convívio com os seres humanos mais experientes.

Locke afirma que “todas as ideias derivam da sensação ou reflexão” (livro II, cap. I, § 2), e disse que todo material da razão e do conhecimento derivam da experiência, logo tem-se um silogismo, sensação e reflexão nada mais são do que as experiências, então, o conhecimento deriva das sensações, como está afirmado no Teeteto de Platão. O pensamento funciona por meio das ideias, ou, como afirmou Locke, a ideia é o objeto do pensamento. Qual seria para Locke a relação entre a sensação e o pensamento? Toda sensação deriva de algo, ou seja, o objeto da sensação, e as ideias nascem das sensações, levadas à mente pelos sentidos. Assim sendo, os sentidos captam as sensações que fazem o indivíduo ter ideias que são os objetos do pensamento. Segundo Saussure e também Hjelmslev (1939), o pensamento é a substância da língua, que é a forma, segundo Humboldt, as palavras são os objetos da língua, segundo Locke, as ideias são os objetos do pensamento, então as palavras funcionam como objetos para o pensamento, logo representam ideias simples ou complexas, mesmo Locke tendo afirmado que “poucas ideias simples têm nome” e que “em sua maioria necessita de denominação” (Livro II, cap. III, § 2).

O Livro III trata das *palavras*. Os sons articulados Locke chamou de palavras, isso denota uma ideia de que

aquilo que chamou de palavra é a materialização em fonemas. Atribuindo a Deus, disse que sendo o ser humano um ser sociável, foi dotado de linguagem, *o instrumento mais notável e laço comum da sociedade*. Sons articulados não são suficientes para formar linguagem, segundo Locke, mas esses sons articulados devem se tornar sinal de ideias, sinais de suas compreensões internas, fazendo significar externamente as ideias internas, para que os outros possam conhecê-las. Saussure demonstrou essa descrição como o exercício de fazer o encaixe perfeito entre o pensamento e os sons articulados, e disse o genebrino que esses são formas vazias a serem preenchidas de pensamento. Assim, segundo Locke, através de sons articulados que são sinais de ideias, *os pensamentos das mentes dos homens seriam mutuamente transmitidos* (Livro III, cap. I, § 2).

Esse processo teria de fazer uso de outra estrutura, pois se cada ideia fosse representada por uma cadeia de sons articulados não haveria memória que poderia dar conta de tanta variação, por isso, a proposição da linguagem teria passado por um aperfeiçoamento, que Locke chamou de *termos gerais*. Claramente, pode-se dizer que Locke tem como objeto de empiria as línguas flexionais, não obstante o Grego de Platão e Aristóteles, o Latim da Igreja, e as línguas modernas da Europa, o inglês principalmente porque era sua língua nativa. Essa ideia pode ser percebida no trecho (Livro III, cap. I, § 3) “a linguagem passou por outro aperfeiçoamento pelo uso de termos gerais, pelos quais uma palavra era formada para indicar uma multidão de existências particulares”. Diz-se isso, porque, no século XIX, os estudos dos morfemas teriam separado as partes das palavras em *por-significação* e *por-relação*. As partes chamadas *significação* representavam as ideias na língua e as relações ajustavam-nas ao

uso particular, mais recentemente, no século XX, a morfossintaxe chamou de lexema e gramemas, respectivamente.

Pode-se fazer uma outra análise, partindo das ideias de Aristóteles no *Da Interpretação* e levando progressivamente através da Gramática Comparada e da Neo-gramática até a Linguística de Saussure e Hjelmslev, a noção de signo na linguagem e na língua. A correspondência em Locke seria de *sons articulados* e *sinais das ideias*, ou simplesmente *sinais* e *ideias*, os sons articulados seriam os sinais que se fariam corresponder à ideia. Humboldt teria dito que quase sempre são necessários mais de um ou vários sons articulados e mesmo sílabas para formar uma palavra, Humboldt pensava na linguagem, sendo a correspondente do pensamento. Saussure e Hjelmslev tomam a língua como ponto de partida e chegada, e os *sinais* são os *significantes* e as *ideias* os *significados*, os sons articulados passam a ser fonemas, porque possuem uma contrapartida psíquica, por isso selecionam um significado ao fazer ser diferente aquele sinal de qualquer outro.

Todos os nomes derivaram de ideias sensíveis. Essa afirmação colhida no texto de Locke remete sua discussão para a leitura dos clássicos gregos, mas também faz compreender os estudos sobre linguagem e língua da modernidade. As palavras são produzidas pelas sensações e pela reflexão, em princípio, só se tem palavras advindas das sensações, Humboldt chamou esse estágio do pensamento dos indivíduos de concretude, é que o pensamento não sendo capaz de abstrair-se em significações filosofantes restringi-se aos signos da materialidade imediata. Num segundo estágio, segundo Locke, (Livro III, cap. I, § 5) “os nomes que significam coisas e não se encontram sob nossos sentidos derivaram inicialmente de ideias sensíveis”, então, a partir de Locke esses signos de elementos abstratos foram produzidos pelo pensamento pela reflexão, tendo como fonte os nomes derivados pelas sensações. Logo, as marcas originárias de uma língua não desaparecem mesmo em estágios muito diferentes de instrução e conhecimento daquele de sua origem, assim é que o Latim sempre foi uma língua marcada por sua origem agrícola.

Quando discuti o significado das palavras (Livro III, cap. II), Locke deixa claro que a comunicação acontece por meio da materialidade dos sons articulados, que são os sinais sensíveis, e que elas são necessárias à comunicação. Está claro que Locke compreende o pensamento como anterior à manifestação em língua, logo a comunicação é de pensamentos, ou de significados, o indivíduo tem uma

grande quantidade de pensamentos, mas que não podem se manifestar por si mesmos, logo precisam de um mecanismo para serem manifestados. A humanidade não existiria sem a comunicação de pensamentos, de fato é justamente essa característica que faz a diferença entre animais sensíveis e estéticos, então o princípio da linguagem foi o fator de distanciamento entre o homem e os outros animais, foi quando se descobriram os sinais sensíveis que permitiram a comunicação do pensamento. Entre todas as possibilidades, os sons articulados, tanto pela abundância como pelo alcance em distância, se mostraram mais adequados que as outras possibilidades. Whitney (1874) escreveu que antes de optar pelos sons articulados para a comunicação de ideias, os seres humanos primitivos certamente testaram outros mecanismos de comunicação, a pantomima seria certamente a forma mais primitiva de comunicação até chegar na comunicação por sons que teria feito coincidir com a posição ereta do hominídeo.

Locke afastou qualquer possibilidade de haver sugestão entre os sons e as ideias, os sons seriam sempre de natureza arbitrária. Como mostrou Saussure, não há conexão natural entre sons e ideias. O argumento de Locke e também em Saussure, é que desse modo haveria somente uma forma de comunicação entre os seres humanos. Humboldt, na Gramática Comparada, atribui à diversificação dos sons nas línguas naturais como a principal causa da diversificação de possibilidades de língua. Segundo Humboldt, na essência da comunicação, ou seja, no pensamento, todas as línguas se reduzem a uma única fórmula, é na manifestação que cada nação possui uma forma específica. Logo, (§ I, cap. II, Livro III) “o uso de palavras consiste nas marcas sensíveis das ideias, e as ideias que elas enunciam são seus significados adequados e imediatos”. Aprofundando essa ideia, Locke afirmou que as palavras representam as ideias de quem as enuncia, logo o enunciado é sempre individual, as palavras são representações de ideias apreendidas das coisas. Abriu-se aqui uma lacuna que Saussure preencheu com a definição de arbitrário absoluto e arbitrário relativo, quando um homem fala com outro faz para que possa ser entendido, não as ideias gerais marcadas nas palavras, mas as ideias derivadas e específicas que são as marcas de quem as enuncia. Humboldt (1835) disse que o homem chegou a comunicar os pensamentos com tanta perfeição, porque não suportava não ser compreendido pelos outros, foi pela necessidade de se fazer compreendido que os seres humanos aperfeiçoaram e continuam a aperfeiçoar as línguas e a criar mecanismos de linguagem.

Quem fala, por querer ser compreendido, produz enunciados cuja ideia esteja no nível de compreensão de quem os escuta. Assim sendo, significa que os enunciados são sempre proposta de significação na mente de quem ouve, ou seja, deve haver algo como uma simbiose linguística entre os participantes do enunciado para que haja comunicação. Locke disse que quando se fala se *supõem que as palavras sejam marcas de ideias na mente de outros homens (loc. cit.)*. Para Humboldt é somente pela reação dos outros que se sabe o que se disse, somente quando o falante se coloca no lugar do outro é capaz de medir o significado de suas palavras. Jakobson (1934) disse que nenhuma fala é possível sem a presença do interlocutor. Bakhtin (1929) fala num ser do enunciado que ele diz ser calculado pelo enunciador como um auditório médio entre os ouvintes. A Semiótica nascida de Greimas fala em enunciatário, um ser previsto pela enunciação e que é reconhecido no enunciado como sendo um ser linguístico igual ao da enunciação. Locke observa que isso é necessário porque se o ouvinte aplicar uma significação ao enunciado diferente do falante, significaria que fariam duas línguas.

Quem fala deve se esforçar para tornar seu discurso inteligível a quem escuta, caso contrário não será entendido, então, (Livro III, cap. II, § 8) “a menos que as palavras de uma pessoa estimulem as mesmas ideias em quem as escuta, tornando-as significativas no discurso, não fala inteligivelmente”. Então é fato, o falante deve considerar a capacidade do ouvinte em fazer as mesmas conexões entre sons e ideias, e deve sobretudo prever no outro o quanto ele é capaz de fazer a mesma conexão. Isso deve levar em consideração que cada ser humano pode fazer conexões entre sons e ideias como ao seu agrado, nas palavras de Locke. Mas isso em verdade ocorre pela relação de conhecimento que cada um dos participantes do discurso tem daquele assunto e quantas conexões com outros enunciados e discursos cada um é capaz de fazer, daí surgirem divergências entre significações de um mesmo enunciado. Nas palavras de Locke (*loc. cit.*) “seja o sentido particular da pessoa para quem ele as destina, é patente que seu significado, ao empregá-las, está limitado por suas ideias, e não pode constituir sinais de nenhuma outra coisa”.

Conclusão

John Locke, objeto de estudo neste artigo, se coloca no meio da história dos estudos da linguagem. É inevitável perceber sua ligação e filiação teórica

aos estudos de Platão e Aristóteles, de fato ele parece ter conseguido juntar as noções de sensação e conhecimento, acordo, convenção e sugestão nas palavras, conceituadas por Platão, com a visão descritiva das substâncias e das manifestações delas em nomes, conceituada por Aristóteles. Aplicou a isso sua genialidade criativa e individualiza esses conceitos para analisar como a racionalidade constrói o mundo a sua volta por meio dos sons articulados que representam ideias na mente dos indivíduos. Seu método, acima de tudo, parte da recusa da metafísica do inatismo e procura na materialidade corriqueira da vida social pela observação empírica a explicação para o desenvolvimento das ideias e nomes.

Portanto, é de sua individualidade a recusa aos princípios inatos, atribuídas à noção de Deus e às substâncias primeiras do pensamento, que aparecem tanto em Platão, como, no quase contemporâneo seu, Descartes. Segundo Locke, princípios inatos não existem. Não existindo princípios inatos, a estrutura linguística é toda adquirida na relação com o mundo, somente aquilo que é do corpo orgânico humano é inato, logo a mente, sob o nome de cérebro, é inata, junto com ela a linguagem como órgão desse corpo. Assim sendo, pode-se dizer, de acordo com Locke, que a estrutura linguística advém do pensamento, a língua torna-se uma estrutura porque o pensamento que a antecede funciona por meio de uma lógica feita de partes que se juntam e vão formando partes sempre maiores.

Referências

ARISTÓTELES. *Arte retórica e poética*. Rio de Janeiro, Ediouro, coleção Universidade.

----- *Organon: Catégories e de l'interprétation*. Paris, J.Vrin, 1946.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1995.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística Geral I e II*. Campinas-SP, Pontes, 1995. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri.

GREIMAS, A. J. e COUTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo, Cultrix, 1979.

HUMBOLDT, Wilhelm Karl von. *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Barcelona, An-thropos, 1990.

----- *Sobre el origen de las formas gramaticales y sobre su influencia en el desarrollo de las ideas - Carta a M. Abel Rémusat sobre la naturaleza de las formas gramaticales en general y sobre el genio de la lengua china en particular*. Barcelona, Anagrama, 1972.



KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*.

LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento*. São Paulo, Abril cultural. Coleção os Pensadores.

MILANI, Sebastião Elias. *Humboldt, Whitney e Saussure: Romantismo e Cientificismo-Symbolismo na história da Lingüística*. Tese/USP, mimeo, inédito.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A Gramática*. São Paulo, UNESP, 2002.

PLATÃO. *Diálogos: Sócrates e Crátilo*. Coleção Os pensadores.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo, Cultrix, 1995. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.

FALCÃO, Francisco. *Iluminismo*. São Paulo, Ática, 1994. Série Princípios.

COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro/ São Paulo, Presença/EDUSP, 1982. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.

----- *Tradição e novidade na ciência da linguagem*. Rio de Janeiro/São Paulo, Presença/EDUSP, 1982. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.

HJELMSLEV, Louis. *Essais linguistiques*. Paris, Minuit, 1968.